

InForma Literária

Ano I, Edição III

Juiz de Fora, abril/Maio de 2001



Ao Leitor

"A competência teórica resulta de um esforço específico, só pode ser alcançada através de um investimento persistente, que exige paciência, estudo, paixão e muito dispêndio de energia." Leandro Konder soube ver com precisa acuidade o tratamento teórico dispendido em textos que visam o conhecimento e o saber reflexivo. Em épocas como a nossa, de pragmatismo e dinamicidade, as pessoas procuram não "perder tempo" frente a um mundo competitivo e virtualmente veiculado e fazem a supressão da cognição empírica pela praticidade de modelos superficiais e dogmáticos. Essa sistematização epidérmica vale-se pela instantaneidade, enquanto que dissertações teóricas buscam a especulação e o entendimento imagético e reflexivo. Não vislumbramos parnasianos, mas sim o envolvimento cerebral. Não percorremos o inavergável, mas evitamos a síncope do saber e exaltamos a progressão cognoscitiva do ser humano.

Darlan Lula (5º de Letras)
E-mail:oliveiradl@bol.com.br

PARÊNTESE, PARÁGRAFO E PARÁFRASE

CAMÕES Os dados a respeito da vida de Luiz Vaz de Camões são imprecisos. Pode-se dizer que nasceu por volta de 1525 em Coimbra ou talvez Lisboa. Era filho de fidalgos os quais não pertenciam à camada abastada da sociedade portuguesa, porém possuíam título de nobreza e isso ajudou Camões a ser aceito no meio elitista e cultural português.

Sua vida foi composta não somente de belas obras, mas também de desgostos e tragédias: em 1549, perde a vista direita lutando contra os mouros em Ceuta, no norte da África, e, em 1552, em Portugal, é preso por ferir um oficial. No ano seguinte, embarca para o Oriente em serviço militar onde vive anos de tormentos e privações.

Mais de quatro séculos de polêmica cercam alguns de seus poemas, uma vez que são inúmeras as dificuldades de se determinar com precisão sua autoria, e o fato de terem sido publicados 15 anos após sua morte torna-se um agravante para a dúvida.

O século XVI é considerado de grandes mudanças, o marco inicial da era moderna. Nele coexistem duas formas de cultura: a medieval e a clássica, onde opõe-se ao teocentrismo uma concepção antropocêntrica do mundo. Nesta época, Camões se evidencia como o aperfeiçoador das "novas" técnicas poéticas da língua portuguesa trazidas da Itália por Sá de Miranda, considerado principal colaborador na introdução dos versos decassílabos em Portugal. Com a "medida nova", Camões cria poemas líricos que rivalizam com os de Petrarca em perfeição formal.

A linguagem tornou-se a expansão de idéias e sentimentos do homem do século XVI, seus temas e construções

traduzem o espírito aventureiro das navegações e a busca dos modelos literários gregos, latinos e italianos.

Em 1572 Camões publica *Os Lusíadas*, dedicados ao Rei de Portugal D. Sebastião. A obra é, em verso, a tradução de toda a história lusitana e sua grande conquista. Para narrar a saga de seu povo, Camões buscou subsídios na Antigüidade Clássica, com a coexistência da verve cristã e pagã, caracterizando *Os Lusíadas* como uma epopéia renascentista moderna.

A estrutura narrativa d'*Os Lusíadas* é tirada das obras de Homero, a *Odisséia* e a *Iliada*, nas quais são contadas as lendas do povo grego. Alguns versos de *Eneida*, de Virgílio, que narra a história da fundação de Roma e de seu povo, estão presentes na obra camoniana, que foi composta em oitava rima, estrofes de oito versos rimados da mesma forma (ab ab ab cc), desenvolvidas por Ariosto. Também empregou a mitologia n'*Os Lusíadas* de forma singular, artifício de retórica para a transmissão do caráter universalista.

As teorias da imitação desenvolvidas por Aristóteles foram um dos recursos usados na epopéia renascentista de Camões e as crônicas regiocêntricas de Fernão Lopes, guarda mor da Torre do Tombo de Portugal, serviram-lhe para dar vida à narrativa épica.

Camões morre em 1580, coincidentemente o mesmo ano em que Portugal perde sua autonomia política, caindo sob o domínio espanhol. Ele escreve uma carta a Dom Francisco de Almeida onde sintetiza este momento: "...acabarei a vida e verão todos que fui afeiçoado à minha Pátria que não me contentei em morrer nela, mas com ela".

WOLFFLAND F
(Pseudônimo)

Alunos e professores do Curso de Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora unem sua paixão pelo teatro e fundam a Cia. Teatral "LE TRUPE", primeiro grupo de teatro da Faculdade

Na Semana de Letras do ano passado, com a apresentação do *Auto da Barca do Inferno* de Gil Vicente, oficializou-se a proposta da formação de um grupo de teatro do CES, tal o desempenho dos atores e o sucesso do espetáculo. E foi nesse clima de entusiasmo, de competência e de dinamismo que nasceu o "LE TRUPE".

Tendo aceitado o desafio de serem pioneiros no trabalho, assumiram a responsabilidade, arregaçaram as mangas, deram asas à imaginação e à criatividade, pesquisaram, estudaram e, inspirados em algumas obras de Millôr Fernandes, fizeram uma colagem de alguns textos do próprio Millôr, de Shakespeare, de Aristóteles, ensaiaram e agora estão prontos para apresentarem "A eterna luta entre o homem e a mulher".

Mergulhados nesse rico universo até a alma, os atores interpretam e dançam, já que a montagem explora também alguns musicais de ritmos que marcaram épocas. São estilos dos

anos 60 e da jovem Guarda que explodem no palco de maneira irreverente e inovadora, altamente contagiantes.

A linha de montagem adotada pelo Grupo é bem brechtiana, na qual o público é presença indispensável, ajudando a decidir o rumo dessa eterna luta entre os sexos. Com disputas que vão desde quem é o sexo mais conquistador, mais sedutor, passando por quem seria o melhor representante do sexo mais brega e culminando na disputa do sexo que mais se impõe, o espetáculo inicia-se com um pequeno prólogo que comprova que essa briga vem desde os primórdios da humanidade, desde a Idade da Pedra.

Para acirrar ainda mais essa disputa, proposadamente foram colocados dois atores, um homem e uma mulher como facetas de pessoas que poderiam ter acabado de se conhecer, de namorados antigos ou novos, ou de um casal prestes a completar bodas de diamante, que se ama e que se odeia, sempre que necessário, e, por que não, representantes de tudo isso junto.

Sendo, enfim, protótipos de qualquer casal comum que quer encontrar um ao outro na "união" em que vivem, vão apresentando cenas e

musicais de relacionamentos clássicos da dramaturgia, a partir dos pequenos acertos e dos grandes desentendimentos que eles próprios se impuseram e que os impedem de enxergar o caminho de volta.

O espetáculo propõe, então, uma reflexão bem humorada e divertida para casados e descasados, noivos, namorados, solteiros, enfim, para todos nós sobre **a arte de namorar**, em todos os sentidos. E como não poderia deixar de ser, o final reserva uma surpresa para os espectadores. Vale a pena conferir! A cada cena, uma nova descoberta e uma nova identificação. Venha ver e se ver, pois qualquer semelhança não será mera coincidência!

As apresentações serão nos dias 12 e 13 de maio, às 20 horas, no Teatro da Academia com ingressos a R\$ 5,00. Parte da renda será revertida como fundo de formatura da turma. No elenco estão, além do diretor Cristiano Fernandes, Adelaide Nunes, Andréa Silva, Cláudia de Souza, Daniel Leonel, DriAl, Eduardo Barra, Fernanda Moreira, Janice Reis, Marcus Vinícius Netto, Marize Abreu, Rodrigo Ferreira, Thalita de Oliveira, Valcirene Reis e Yure Mendes. A sonoplastia fica por conta de Renata Martins.

INDUSTRIOSIDADE EM CRIAÇÃO

Decálogo da Oligarquia	Afinação (ou Diapasão)	Arrimo
1º Quem ganha mais, barganha. Quem não pode, estranha.	A palavra é fina Quando ensina O dia-a-dia A grosso modo	Trago o ramo Em romaria rezo Buscando o rumo
2º Quem mais terras tem, defém. Quem não tem, amém.	A palavra é ferina Se contamina O que se diz Pra todo lado	Busco o remo Que a barca rume Para benzer o ramo
3º Quem faria justiça, favorece. Quem por ela espera, padece.	A palavra é felina Porque menina Faz-se passar Por mulher feita	Abarco Romas Sem rumo Levanto a rima Para acertar o prumo
4º Quem educa o graúdo, mingua. Quem não sabe ler, não tem língua.	A palavra é maestrina Muito se afina Para tocar Como perfeita	Remando, buscando Tentando encontrar A rima, o remo O rumo, o arrimo
5º Quem vem de fora, arremata. Quem é de dentro, sofre com a mamata.		Mil
6º Quem fala outro idioma, Soma. Quem não pode falar, cai em coma.	Máscara	"Mil", pseudônimo de Maria do Carmo (2º período de Letras)
7º Quem tem guarda-costas, proteção. Quem não tem casa - chão.	Eu me desnudo E mostro o avesso	Nota:
8º Quem tem costas quentes, se aquece. Quem não tem cobertor feneco.	A torto e a direito Eu me devasso	Como vocês perceberam, desde a edição precedente, o espaço intitulado "Industriosidade em criação" é reservado aos que querem divulgar seus trabalhos literários. Estamos disponíveis para quaisquer dúvidas dos que desejam aliar os seus conhecimentos estéticos e criativos ao instrumento propagador de cultura e sapiência que é o nosso modesto, mas constante, esboço de jornal (In-Forma Literária). Esperamos que haja uma efetiva participação de todos, pois sabemos da infinita capacidade que temos para criar algo meritório. Contos, poesias, crônicas, etc. são muito bem vindos; procurem o aluno Darlan do 5º período de Letras. Enfim, façam do Curso um preâmbulo, da biblioteca um saber reflexivo e de suas vidas uma incansável busca de conhecimento e capacidade imagética.
9º Quem manjares tem, come. Quem não tem dentes, fome.	Por fora, me detenho Por dentro, me desfaço	
10º Quem está em foco, notícia. Quem foi anulado, não tem cidadania.	Às aparências me contendo Descaradamente me disfarço	
	Para cada ocasião Visto uma gala	
	Em cada posição Mudo de fala	Mil